

## Consumo de álcool entre adolescentes do sexo feminino

Alcohol use among females adolescents

GILDA PULCHERIO<sup>1</sup>, TAMIRES BASTOS<sup>2</sup>, MARLENE STREY<sup>3</sup>, RAQUEL DE BONI<sup>4</sup><sup>1</sup> Instituto de Prevenção e Pesquisa em Álcool e outras Dependências (IPPAD), Porto Alegre/RS, Brasil.<sup>2</sup> Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CPAD/UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil.<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre/RS, Brasil.<sup>4</sup> UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil.

Recebido: 26/11/2010 – Aceito: 4/4/2011

Pulcherio G, et al. / Rev Psiq Clín. 2011;38(5):209-10

É conhecido que o uso e o abuso de substâncias psicoativas pelas mulheres têm crescido no mundo ocidental, o mesmo ocorrendo entre as brasileiras<sup>1</sup>. Esse consumo pode acarretar inúmeras consequências e durante a gestação implica risco grave à saúde materna e fetal, favorecendo maior número de abortos, partos prematuros, retardo cognitivo, crescimento restrito do concepto, entre outras<sup>2</sup>.

No caso particular do álcool, a prevalência de síndrome alcoólica fetal (SAF) chega a 6% nos filhos de mães alcoolistas<sup>3</sup>, e mesmo naquelas crianças que não preenchem critérios para a síndrome, consequências comportamentais e emocionais tais como impulsividade, promiscuidade, problemas de socialização e de comunicação podem ser observadas mais frequentemente, quando comparadas com crianças da mesma idade que não foram expostas. Também para a mãe a exposição ao álcool traz agravos físicos, que incluem associação com transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, e psicológicos, não havendo níveis seguros conhecidos para o consumo do álcool durante a gestação<sup>4</sup>.

O V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas<sup>5</sup>, que entrevistou estudantes do ensino fundamental e médio, mostrou que 80,8% dos estudantes entre 16 e 18 anos já consumiram álcool ao longo da vida. A precocidade da experimentação surge com a prevalência de 41,2% para as crianças entre 10 e 12 anos relatando esse consumo, demonstrando que as estratégias de prevenção devem começar aos 10 anos.

O II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil (2005)<sup>6</sup> encontrou aumento na gravidade do uso/abuso/dependência de substâncias, com 52,8% dos meninos e 50,8% das meninas entre 12 e 17 anos, relatando consumo de álcool na vida, com prevalência de dependência igual a 7%.

É importante lembrar que o álcool e outras substâncias psicoativas podem ser utilizados por mulheres para automedicar a dor decorrente de situações de violência doméstica e trauma<sup>7,8</sup>. Para crianças e adolescentes, a convivência em lares disfuncionais com maus-tratos físicos e psicológicos pode aumentar em até 19 vezes a probabilidade do abuso ou dependência do álcool<sup>1,9</sup>. As meninas parecem experimentar maior estresse nesses lares conflitivos.

O Instituto de Prevenção e Pesquisa em Álcool e outras Dependências (IPPAD) desenvolve projeto em andamento que investiga a prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e sua correlação com traumas, em uma amostra total de 300 sujeitos. São adolescentes do ensino médio, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas de Porto Alegre e cadastrados para estágio em empresa, no Centro de Integração Empresa Escola (CIEE/RS).

O CIEE/RS oferece um curso de dois meses de preparação ao mercado de trabalho, a jovens em contexto de vulnerabilidade, no qual está inserido o projeto Eu me Cuido, de prevenção ao uso de drogas, desenvolvido pelo IPPAD em parceria com o CIEE. Este estudo é um recorte que objetiva investigar o consumo do álcool por adolescentes do sexo feminino, buscando ampliar o conhecimento

de um subgrupo que, apesar da grande vulnerabilidade, dispõe de escassez de pesquisas em nosso meio.

Os estudantes respondem, entre outros instrumentos, ao *Alcohol Smoking Substance Involvement Screening Test* (ASSIST)<sup>10</sup>, e resultados preliminares com 81 sujeitos (61 meninas e 20 meninos), com idades entre 15 e 24 anos e idade média de 17 anos (+/- 2,27), demonstram que 72,5% já consumiram bebidas alcoólicas.

Entre as meninas, 78,7% têm entre 16 e 18 anos e 85,2% possuem o ensino médio incompleto; 87% são solteiras e 20% referem renda familiar mensal de R\$ 1.500,00; 68,3% relatam uso de álcool na vida e 62%, uso de álcool nos últimos três meses. Neste último período, 26,2% das adolescentes consumiram bebidas alcoólicas mensalmente e a metade delas, semanalmente.

As mais jovens referiram maior consumo de álcool, com 17,9% das meninas entre 15 e 16 anos bebendo semanalmente, nos últimos três meses. Aquelas da faixa etária entre 17 e 18 anos relataram o maior consumo mensal (29,2%), e as estudantes na faixa etária entre 19 e 20 anos relataram maior abstinência do álcool (71,4%).

Não há diferença significativa, quanto ao consumo de álcool na vida, na comparação com os adolescentes do sexo masculino, embora o pequeno tamanho amostral possa interferir na ausência de significância. Para as meninas, há correlação entre o consumo de álcool na vida e renda familiar ( $p = 0,05$ ;  $r = 0,39$ ).

Os dados deste estudo são semelhantes aos de estudos epidemiológicos e outros que têm apontado o alto consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes brasileiros, com diferenças regionais e destaque de maior consumo para a região Sul do país e a cidade de Porto Alegre<sup>5,6</sup>. O V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas<sup>5</sup> encontrou prevalência de 71,0% para uso na vida, entre meninas do ensino fundamental e médio de escolas públicas de Porto Alegre.

Entre as hipóteses para o alto consumo de álcool entre os adolescentes gaúchos, está a forte tradição vitivinícola do estado, maior produtor do país, que pode estar favorecendo esse comportamento. No momento, o estado produz cerca de 80% do vinho brasileiro. No Rio Grande do Sul, a Lei nº 11.705/2008, chamada de "Lei Seca", diferentemente de outros estados, tem sido pouco fiscalizada, o que, pensa-se, pode contribuir para o maior consumo, assim como para a provável tolerância da sociedade gaúcha. E, embora haja proibição legal para a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, estas são livremente comercializadas no país.

Os agravos físicos e psicológicos que o consumo de álcool traz às adolescentes, destacando-se comportamento promiscuo, sexo sem proteção, doenças sexualmente transmissíveis (DST), abortos e traumas, justificam o rastreamento rotineiro desse comportamento de risco. Pesquisas sistemáticas são imperativas para o acompanhamento do consumo de substâncias psicoativas pelos adolescentes, por mulheres e, especialmente, entre as adolescentes. Por suas peculiaridades, estratégias específicas de prevenção para esse subgrupo são necessárias.

O pequeno tamanho amostral e a amostra de conveniência estão entre as limitações do presente estudo. São adolescentes de escolas públicas, do sexo feminino, em contexto de vulnerabilidade, que estão buscando inserir-se no mercado de trabalho. Mais estudos são necessários, com amostras maiores e de ambos os sexos. Mesmo assim, ele gera informações para um subgrupo do universo feminino que ainda carece de maior interesse investigativo no Brasil.

## Referências

1. Guimarães ABP, Hochgraf PB, Brasiliano S, Ingberman YK. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. *Rev Psiq Clín.* 2009;36(2):69-74.
2. Bhuvaneshwar CG, Chang G, Epstein LA, Stern TA. Alcohol use during pregnancy: prevalence and impact. *J Clin Psychiatry.* 2007;9(6):455-60.
3. Pinheiro SN, Laprega MR, Furtado EF. Morbidade psiquiátrica e uso de álcool em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde. *Rev Saude Publica.* 2005;39(4):593-8.
4. Cardoso LRD, Malbergier A, Figueiredo TFB. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. *Rev Psiq Clín.* 2008;35(Suppl. 1):70-5.
5. Galduróz JCF, Noto AR, Fonseca AM, Carlini EA. V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID)/Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD); 2004.
6. Carlini EA, Galduróz JCF, et al. II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do Brasil – 2005. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), Gabinete de Segurança Institucional, Presidência da República.
7. Dunnegan SW. Violence, trauma and substance abuse. *J Psychoactive Drugs.* 1997;29(4):345-51.
8. Wilke ME, Fensterseifer DP, Pulcherio G. O estresse traumático da violência doméstica. *Rev AMRIGS.* 2007;51(2):149.
9. Danielson CK, Amstadter AB, Dangelmaier RED, Resnick HS, Saunders BE, Kilpatrick DG. Trauma-related risk factors for substance abuse among male versus female young adults. *Addict Behav.* 2009;34(4):395-9.
10. Henrique IFS, Micheli D, Lacerda RB, Formigoni MLOS. Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Rev Assoc Med Bras.* 2004;50(2):199-206.